

A TRAGÉDIA DE ESPARTA – DISCURSO, PODER POLÍTICO E GÊNERO NA ANDRÔMACA DE EURÍPIDES

*THE TRAGEDY OF SPARTA – DISCOURSE, POLITICAL POWER AND GENDER
IN THE EURIPIDES' ANDROMACHE*

Luis Filipe Bantim de Assumpção*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o discurso de Eurípides na obra “Andrômaca” como um mecanismo de poder político para depreciar a conduta dos espartanos durante a guerra do Peloponeso. Nesta obra, Eurípides se utilizou da representação do gênero feminino para denunciar os excessos de Esparta, cuja debilidade político-constitucional teria sido incapaz de manter as suas mulheres sob controle. Para cumprir esses objetivos, o poeta trágico edificou um discurso que representou o comportamento feminino de Esparta através da heroína Hermíone e da forma como esta controlava os homens ao seu redor. Assim, consideramos o contexto histórico e o lugar social de Eurípides como pressupostos fundamentais para a construção de seu discurso e das representações pejorativas que este projetou sobre a cultura espartana.

Palavras-chave: Eurípides; Esparta; Gênero

Abstract

This article considers the Euripides' discourse in the “Andromache” and how this was an instrument of political power to undervalue Spartan behavior during the Peloponnesian War. In this case, Euripides used the image of feminine gender to expose the excesses of Sparta, whose political-constitutional weakness couldn't control their women. To complete his objective, Euripides created a discourse that presented the Spartan female behavior through Hermione and how she controlled the men around her. Therefore, we considered the Euripides' historical context and his social space as assumptions to construct his discourse and portrait of Spartan culture.

Keywords: Euripides; Sparta; Gender

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: ibantim@yahoo.com.br

O estudo de gênero no discurso de Eurípides não se constitui em um ineditismo acadêmico. Na verdade, muitos foram os trabalhos sobre a perspectiva trágica do poeta e a maneira como ele representou o feminino em suas peças. Entretanto, pensar em gênero feminino nunca será um exercício extenuante diante da realidade político-cultural em que vivemos, na qual mulheres são uma das maiores vítimas de violência. Diante disso, objetivamos discutir a representação do gênero feminino em Esparta na obra “Andrômaca” de Eurípides, levando em consideração o contexto histórico-social do poeta e a intencionalidade de seu discurso elaborado para interlocutores eminentemente atenienses.

Sabemos que pensar na representação feminina requer reflexões sobre as circunstâncias que fizeram desse gênero um objeto passível de estudos, além de uma visão patriarcal de sociedade. Lin Foxhall (2013, p. 05-06) esclareceu que os estudos sobre as mulheres da Antiguidade foi um resultado da emergência da “Escola dos Annales” e da filosofia feminista na França durante a primeira metade do século XX. Já no cenário acadêmico de matriz anglo-americana, os avanços científicos sobre o gênero feminino ocorreram entre as décadas de 1970 e 1980, seguindo o viés do feminismo da “segunda onda” – iniciado no final da década de 1960. Teresa Meade e Merry Wiesner-Hanks (2004, p. 01) complementam a análise de Foxhall ao esclarecerem que os estudos sobre o gênero feminino ganharam expressividade através da preponderância que os grupos femininos adquiriram no quadro mundial e por meio das discussões em torno da História de Gênero.

Logo, as autoras destacam que o contexto social, em que se desenvolveu/transformou no decorrer do século XX, permitiu que o lugar social das mulheres fosse analisado para além dos limitadores culturais estritamente masculinizados. Embora saibamos que muitas outras conquistas sejam necessárias para que sejamos capazes de compreender a igualdade de gêneros, a emergência dos movimentos feministas foi essencial para que repensássemos a maneira como lidávamos com tal situação. Portanto, é conveniente ressaltar Joan Scott (1992, p. 64-65), cujas investigações proporcionaram notar que os movimentos feministas possibilitaram que os estudos sobre o gênero feminino fossem afastados dos pressupostos de uma “História Política Tradicional”,

centrada no homem e em seus grandes feitos sociais. Diante dessa responsabilidade e deste desafio acadêmico, discorreremos sobre a representação do gênero feminino espartano no discurso de Eurípides como um mecanismo de crítica político-social a Esparta durante a guerra do Peloponeso (431-404 a.C.).

No que concerne a Eurípides, enquanto ator social, Nuno Simões Rodrigues (2015, p. 41-42) afirma que o poeta deveria ser valorizado como o responsável por fornecer às mulheres um protagonismo quase inédito na pólis democrática de Atenas. Imersos nessa ótica, Eurípides se inclina à tradição helênica ao redor de mulheres emblemáticas e conhecidas das narrativas míticas para problematizar a realidade ateniense da segunda metade do século V a.C.. Joyce Salisbury (2001, p. 66) corrobora a nossa afirmativa ao destacar que o discurso mítico articulava práticas sociais que nem sempre foram representadas como socialmente evidentes. Por sua vez, Raffaele Cantarella (1971, p. 177) sublinhou que os mitos realçavam os acontecimentos históricos pela identificação que os sujeitos teriam com um “passado imemorial” e com as personagens heroicas, bem como exemplares, que permearam a formação dos helenos da Antiguidade.

Mediante ao que foi exposto, defendemos que Eurípides representou as heroínas da tradição cultural helênica para promover um efeito de dramaticidade específico, em uma sociedade tradicionalmente masculina, com o intuito de apresentar, comentar, difundir e/ou denunciar as práticas político-sociais de seu tempo – tanto para elogiar Atenas como para anunciar problemas de ordem social. Contudo, o que teria motivado o poeta?

Essa pergunta se torna passível de resposta através da caracterização do seu contexto histórico-social. Segundo David Kovacs (1997, p. 146), Eurípides vivenciou a emergência do poderio político e marítimo de Atenas, sendo a sua consolidação entre a guerra Greco-pérsica, o início da guerra do Peloponeso e a desestruturação da hegemonia marítima com o fracasso na Sicília (415-413 a.C.). Jacqueline de Romilly (1998, p. 166-167) permite ampliar as considerações de Kovacs ao destacar que a maioria das peças de Eurípides foi produzida no contexto da guerra do Peloponeso. Por meio da perspectiva historiográfica, somos capazes de apresentar o nosso arcabouço teórico tendo

em vista uma investigação adequada da obra de Eurípides e a representação inerente ao seu discurso.

Desse modo, utilizamos a Análise do Discurso Francesa, pelo viés de Dominique Maingueneau, no que concerne aos conceitos de discurso e representação. De acordo com Maingueneau (1997, p. 29-30, 34; 2006, p. 43-45), o discurso é uma atividade de sujeitos inscritos em um contexto histórico determinado. O autor ainda destaca que todo discurso manifesta uma intencionalidade intrínseca ao lugar e às determinações institucionais de seu locutor. A percepção de Maingueneau permite depreender que todas as formas de discurso edificam representações dos objetos que nelas se fazem presentes.

Em relação ao conceito de representação, Maingueneau (2014, p. 431-433) o definiu como uma “imagem” elaborada de um objeto, pessoa, sociedade com o intuito de transmitir valores, crenças e apelos aos interlocutores de um discurso. A partir de Maingueneau, inferimos que o discurso de Eurípides evidenciava as suas críticas e percepções de mundo por meio das representações que edificava em suas peças. As suas personagens eram denúncias representadas através da vestimenta, dos gestos e das falas dos atores em encenação diante de seus interlocutores – presentes nas performances teatrais atenienses¹. Então, considerando os estudos de Maingueneau, o fato de Eurípides ter sido um cidadão ateniense, em meio à guerra do Peloponeso, influenciou as representações presentes em seu discurso.

O posicionamento pró-ateniense de Eurípides pode ser compreendido mediante um trecho de Tucídides (I, 1). O referido historiador destacou que a guerra do Peloponeso foi o maior conflito militar desenvolvido pelos helenos até então, tendo se estendido para algumas sociedades bárbaras. Tucídides evidenciou que, em decorrência de um enfrentamento iminente, as sociedades helênicas estavam se aliando a Atenas ou a Esparta – líder dos peloponésios – à medida que outras tinham o mesmo propósito.

Cabe refletir que o posicionamento de Tucídides e, possivelmente, o de Eurípides, demonstra a guerra do Peloponeso como um combate polarizado entre atenienses e espartanos, cujo início se estabeleceu pela injustiça dos peloponésios diante da expansão marítima de Atenas. Nesse caso, o discurso de

¹ A grande maioria das encenações trágicas acontecia no festival das Grandes Dionísias.

Eurípides estaria imbuído de uma carga política fomentada pelo contexto de guerra que envolvia a Hélade, na segunda metade do século V a.C.. Diante dessa situação, Eurípides adotou o espaço teatral como uma “arena política”, na qual manifestou a animosidade pelos espartanos e motivou os seus concidadãos a apoiarem o enfrentamento de Atenas perante os inimigos injustos².

Não sem motivos, Eurípides baseou-se na tradição literária helênica para incitar a identificação de seus interlocutores para com as suas personagens. Para alcançar os seus objetivos, o poeta empregou um artifício literário que, modernamente, denominamos por intertextualidade. Dominique Maingueneau (2014, p. 288-289) esclarece que a intertextualidade é uma propriedade constitutiva de qualquer texto e conjunto de relações – explícitas ou implícitas – que este mantém com outro texto ou conjunto de textos. A intertextualidade emerge da relação entre vozes, consciências e discursos, para sugerir novas orientações e/ou novos significados a uma obra. Portanto, a intertextualidade adotada por Eurípides – com ênfase a Homero – foi um mecanismo destinado a exprimir acontecimentos contemporâneos por meio dos referenciais da tradição oral e literária.

Peter Burian (2003, p. 178-180) endossa tal proposição ao revelar que a *práxis* da tragédia manipula a tradição e os mitos com o intuito de edificar redes de similitudes e diferenças capazes de exprimir o que um autor almeja. A forma adquirida pelo discurso mítico no enredo trágico foi o resultado das transformações na configuração dos mitos, na importância do conhecimento do material lendário e dos elementos familiares e formais pelos interlocutores das peças. Esses pressupostos forçariam ou deslocariam a atenção dos espectadores por confirmar, alterar ou mesmo desmoronar a expectativa do público alvo no interior do teatro.

Conjeturando a perspectiva de Eric Csapo (2010, p. 02), a tradição mítica era utilizada e interpretada como um mecanismo discursivo em virtude da familiaridade do público com as temáticas expostas nas peças. Foi por meio dos mitos – cantados em diversas ocasiões e conhecidos por quase a totalidade da população – que as tragédias retrataram aspectos comuns à cultura de Atenas.

² Tal como a guerra, a perspectiva de Eurípides se modificou. Portanto, as suas críticas poderiam ser atenuadas ou asseveradas conforme a situação e a posição em que os atenienses se encontravam.

Ellen Millender (1996, p. 185), por outro lado, ressaltou que o teatro ateniense foi um produto destinado à audiência das massas, sendo esta uma forma de arte que pretendia expressar posturas e posicionamentos políticos em Atenas. Desse modo, os objetivos de Eurípides foram expostos em virtude da função político-social que o teatro exercia entre os atenienses e da importância que estes direcionavam as encenações teatrais no século V a.C.

Sendo assim, observamos que o uso da intertextualidade no discurso de Eurípides tomou a obra de Homero e os mitos que esta mobilizava, permitindo a sua interpretação conforme o interesse e a necessidade do contexto histórico ateniense. A representação que a tragédia de Eurípides propôs da tradição mítica pretendia atrair a atenção dos seus espectadores e o “passado imemorial” a eventos contemporâneos, fomentando a identificação dos interlocutores com aquilo que era encenado e culminando na catarse de suas emoções como um sinal da interiorização do exposto no palco.

Diante do apresentado, situamos a abordagem de Eurípides em três perspectivas distintas, as quais obedeciam às circunstâncias inerentes ao seu contexto histórico, ao local em que esteve inserido e àquilo que pretendia transmitir. Uma vez que o nosso objetivo reside em problematizar a representação de Esparta no discurso trágico eurípidiano, tais concepções se deram por meio do gênero feminino e da maneira como o poeta edificou a sua imagem entre as espartanas³. Logo, os referidos aspectos são: a) a representação da sociedade de Esparta como a culpada pela guerra do Peloponeso; b) o comportamento das mulheres espartanas como indício de descomedimento; e c) a atuação dos homens espartanos, vistos como covardes, manipuladores, influenciados por suas mulheres ou autoritários em situações pessoalmente convenientes. A partir do apresentado, informamos que o nosso recorte se restringiu à obra “Andrômaca”, cujos elementos discursivos representados nos permitiram indagar o posicionamento político de Eurípides para uma audiência ateniense em plena guerra do Peloponeso.

Jacqueline de Romilly (1998, p. 166-167) informou que a peça “Andrômaca” teria sido encenada entre 426 e 424 a.C.. Esse momento converge

³ As espartanas das quais falamos são as mulheres da aristocracia e não aquelas pertencentes aos segmentos sociais de menores recursos na Lacedemônia. Essa escolha se deu em virtude dos indícios documentais disponíveis.

com a vitória de Atenas na batalha de Esfactéria, ocorrida em Pilos no ano de 425 a.C. Podemos depreender que o fato das autoridades espartanas estabelecerem um acordo de paz com os atenienses para recuperarem o seu contingente de guerreiros, levou Eurípides a retratar Menelau como covarde e reticente em suas atitudes.

Ellen Millender (2009, p. 360) corrobora este viés ao comentar que, na obra “*Andrômaca*”, Menelau foi caracterizado como fraco e suscetível às manipulações femininas. Em concomitância à debilidade de Menelau, a sua filha Hermíone foi representada como um exemplo de transgressão àquilo que poderia se esperar de uma mulher helênica, sendo tomada como semelhante aos bárbaros. H.D.F. Kitto (1961, p. 232) manteve uma postura semelhante ao destacar que Eurípides pretendia expor em “*Andrômaca*” as atitudes de Esparta e a falta de moralidade de seus cidadãos. Mediante a historiografia, verificamos que Eurípides detinha pretensões específicas com o discurso idealizado para a peça “*Andrômaca*”.

O cenário desta obra se passa na Ftia, região da Tessália, onde *Andrômaca* se encontra como suplicante no templo de Tétis para tentar se proteger das investidas de Hermíone. *Andrômaca* expôs que a sua desventura não estaria na escravidão depois de ter sido uma princesa em Troia, mas, sobretudo, por sofrer as injúrias de Hermíone. Na ocasião, *Andrômaca* era concubina de Neoptólemo⁴, com quem gerou um filho, chamado Molosso. Contudo, Hermíone não havia concebido filhos e acusava *Andrômaca* de ter-lhe dado fârmacos para torná-la estéril. Assim, Menelau partiu de Esparta em auxílio à sua filha, para que ambos pudessem lidar com *Andrômaca*. De forma direta, Eurípides denunciou – através de Menelau – a postura espartana de intervir na política interna de outras pólis durante a guerra do Peloponeso. Em certa medida, a representação de Esparta teria o intuito de justificar – diante da opinião pública ateniense – as ações que Atenas vinha desenvolvendo com os seus aliados.

Podemos afirmar que, em “*Andrômaca*”, Eurípides representou o comportamento da mulher espartana como transgressor, sendo esta uma maneira peculiar de enfatizar que as leis e valores de Esparta foram incapazes

⁴ Este era o filho de Aquiles e o esposo de Hermíone.

de “dominar o sexo feminino.” A perspectiva de Eurípides foi partilhada por Aristóteles (*Política*, II, 1269 b) ao destacar que o mítico legislador Licurgo não pôde controlar os interesses que as mulheres tinham pela riqueza e o seu descomedimento sexual. Contudo, o pensamento de Aristóteles acaba tangenciando a perspectiva de que os homens de Esparta eram subjugados pelo gênero feminino. Embora Aristóteles seja posterior a Eurípides, podemos sugerir que esta percepção do comportamento espartano tenha se difundido entre os críticos de Esparta, tanto no período da guerra do Peloponeso como nos anos que sucederam a derrota ateniense e a sua tentativa de recuperar a hegemonia sobre as ilhas do Egeu.

Na obra “*Andrômaca*,” temos uma nítida expressão dessa imagem polarizada e deturpada de Esparta. Entre os versos 29 e 32, a personagem homônima à tragédia destaca que passou a ser perseguida no momento em que Neoptólemo rejeitou o seu leito de escrava e tomou a “lacônia” Hermíone como esposa (*Andrômaca*, vv. 29-32). Andrômaca ainda expõe que Menelau foi convencido a participar do intento de Hermíone, indo de Esparta para a Ftia com a pretensão de assassinar a viúva de Heitor (*Andrômaca*, vv. 39-42).

Ao relacionarmos o pensamento de Aristóteles com estes trechos de Eurípides, identificamos que a mulher espartana seria transgressora e persuasiva perante seus homens, sendo esse o motivo pelo qual Esparta não era uma pólis adequadamente organizada. Esta perspectiva acaba se expressando através da representação de Menelau e da sua relação com Hermíone. De todo modo, a concepção do gênero feminino espartano por Eurípides obedece aos seus interesses diante da concepção helênica de que as mulheres eram descomedidas. No entanto, o que tornava Atenas superior a Esparta, no discurso de Eurípides, era a sua capacidade de manter as mulheres controladas em conformidade à democracia. Essa perspectiva permite afirmar que a promoção do gênero feminino se dava em conformidade aos jogos de poder existentes na Hélade que pretendiam enaltecer os homens e advertir sobre as vicissitudes dos excessos femininos em uma sociedade incapaz de controlar esse gênero.

De forma recorrente, Eurípides (*Andrômaca*, vv. 103-105) afirmou que, ao tomar Helena de Menelau, Páris levou Troia à ruína. Por conseguinte,

Andrômaca ressalta que, enquanto escrava, não pretendia pertencer a alguém como Hermíone (Eur. *Andrômaca*, vv. 112-115). Por intermédio da documentação, concluímos que Eurípides representou Helena como a “desgraça” da Hélade por lançá-la em um conflito sem precedentes com Troia. Por sua vez, Hermíone seria a motivação das desventuras de Andrômaca, afinal, assim como sua mãe, o descomedimento da princesa espartana acabava tolhendo outros reinos e pessoas de prosperar. A nossa análise converge com as observações de Ellen Millender (2009, p. 359-360) ao comentar que o comportamento de Hermíone era exposto como um contraponto daquilo que poderia se esperar de uma mulher helênica.

Outro atributo de Hermíone amplamente rechaçado por Eurípides foi o elogio que fazia a sua “riqueza” pessoal, tornando-a relativamente independente de seu marido. Em “*Andrômaca*”, a filha de Menelau afirma que:

Hermíone: Este fino e luxuoso diadema que eu tenho em minha cabeça e este *péplos* de cores vivas com que visto o meu corpo, eu não os utilizo como presentes da casa de Aquiles nem de Peleu, e sim meu pai Menelau quem me deu em Esparta, junto com um grande dote, o que me permite falar livremente (*Andrômaca*, vv. 147-154).

Para Ellen Millender (2009, p. 360), Hermíone foi representada por Eurípides como uma mulher dotada de “costumes bárbaros”, a julgar pela valorização de vestimentas coloridas e chamativas, além do apreço pela riqueza. Entretanto, o que nos chamou à atenção foi a maneira como Hermíone declarou ter o direito de falar, tal como a um cidadão, por ser detentora de riquezas próprias. Segundo Thomas Figueira (2010, p. 265-267), essa imagem espartana seria um ideal de *ginococracia* (autoridade das mulheres), sendo essa uma representação depreciativa para enfatizar o comportamento de sociedades consideradas “bárbaras” pelos helenos. Torna-se importante salientar que esta imagem das mulheres de Esparta – elaborada em oposição ao ideal ateniense – foi amplamente difundida pela historiografia tradicional, cujas análises perduraram do século XIX a meados do XX. Nessas obras, os costumes

espartanos foram tomados como modelos de comportamento inadequado frente às sociedades ocidentais modernas, sobretudo por sua rusticidade⁵.

O discurso de Eurípides (*Andrômaca*, vv. 205-209) atesta que Andrômaca reprovou as atitudes de Hermíone ao enfatizar que essa era odiada pelo marido, por não ser uma pessoa apta à convivência amorosa; afinal, os homens não gostavam das mulheres belas, mas sim das virtuosas. Nas palavras de Ellen Millender (2009, p. 359-361), Hermíone seria reprovada por não manifestar o comportamento próprio de uma esposa legítima, mas também por apresentar certa incontinência sexual (Eur. *Andrômaca*, vv. 229-231, 236-244). Andrômaca (vv. 273-274) ainda adverte que não há remédios/fármacos contra uma esposa ruim, reconhecendo a sua condição de mulher em uma sociedade falocrática, mas ressaltando o quanto Hermíone poderia ser prejudicial para o seu marido em virtude de seus comportamentos excessivos.

Destarte, afirmamos que o discurso de Eurípides pretendia representar Esparta como uma sociedade de exageros, na qual os homens estão submetidos ao gênero feminino, um traço cultural que os helenos consideravam inerente aos “bárbaros”. Pontuamos que Eurípides tenha se empenhado em fornecer a sua audiência algumas justificativas para se combater Esparta, já que esta não correspondia à “tradição helênica” que os atenienses “defendiam”.

A partir do verso 309, o poeta ateniense passa a caracterizar Menelau. De imediato, Eurípides (*Andrômaca*, vv. 590-604) evidenciou a maneira autoritária com que o *basileus* de Esparta agia frente a uma mulher escrava, porém, na presença de outro homem – o ancião Peleu –, Menelau passa a se comportar como um covarde. Anteriormente à aparição de Peleu, a própria Andrômaca questiona as atitudes de Menelau, afinal, este estaria agindo em função dos interesses de sua filha de modo que Esparta pudesse influenciar outras regiões (Eur. *Andrômaca*, vv. 367-379, 384-394). Menelau foi representado como um homem ganancioso, cuja cobiça faria suas atitudes injustas.

William Poole (1994, p. 07) endossou essa abordagem ao afirmar que esta representação de Menelau seria a de um homem enganoso, sanguinário, injusto e ameaçador, que teria assumido plenamente uma suposta identidade espartana. Com isso, a maneira peculiar com a qual Eurípides representou

⁵ Para maiores informações vide: HODKINSON; MACGREGOR MORRIS, 2012.

Esparta foi ratificada pela maneira agônica⁶ com que Menelau pretendia alcançar os seus objetivos com outras personagens e sociedades, mas também pela sua submissão aos interesses de sua filha. Nesse contexto, o coro de “Andrômaca” (vv. 487-490) declarou Menelau como ímpio, injusto e cruel.

Diante do exposto, as falas de Peleu se tornaram emblemáticas pelas críticas que o ancião fez a diversas práticas culturais e sociais de Esparta. Em nossa concepção, Peleu personifica a repulsa de parte da sociedade ateniense pelos costumes espartanos no contexto da guerra do Peloponeso. Peleu inicia a sua crítica ao *basileus* de Esparta, questionando se o mesmo não poderia se contentar em controlar somente o território espartano (Eur. *Andrômaca*, vv. 581-582). Por sua vez, o ancião culpa Menelau pelo rapto de Helena, pois ele deixou os quartos de sua propriedade com as fechaduras abertas. Ademais deste aparente descuido, Menelau teria que se preocupar com o fato de ter como esposa a pior de todas as mulheres (Eur. *Andrômaca*, vv. 590-595). Em seguida, Peleu afirma que o gênero feminino de Esparta não poderia ser virtuoso, uma vez que saíam das propriedades masculinas, frequentavam os ginásios e praticavam corrida com as coxas amostra e o *péplos* aberto (Eur. *Andrômaca*, vv. 596-600).

Reiterando o proposto, a representação de Peleu demonstra que o problema das mulheres espartanas residia nas instituições político-sociais⁷ de sua pólis, que se mostravam incapazes de controlar o gênero feminino. Ao citar o caso de Helena, o “pai de Aquiles” teria fornecido a comprovação do quanto à formação das mulheres espartanas era prejudicial. Isso porque a conduta de Helena foi transmitida para a filha Hermíone que, ao ser educada nos moldes de Esparta, interiorizou e reforçou o mal comportamento feminino de sua linhagem. Portanto, não seria equivocado supormos que Eurípides estivesse destacando que, embora as mulheres atenienses não fossem modelos de conduta, as espartanas viveriam imersas em práticas inadequadas ao convívio social e conjugal.

⁶ O adjetivo agônico se refere à perspectiva de *agón* (ἀγών) cuja acepção, para o nosso propósito, seria disputa, embate, concurso. Portanto, a maneira agônica de Menelau seria uma conduta conflituosa diante de seu locutor.

⁷ Nos versos 474-475, Eurípides critica a dupla realza de Esparta, denominando-a por “dupla tirania” e como algo insuportável para os cidadãos de uma pólis.

Mantendo o nosso enfoque na representação de Peleu, o ancião enfatizou que as motivações de Menelau, ao mobilizar os aqueus, foram indevidas, tendo em vista que o objetivo do *basileus* espartano era recuperar a esposa. Como uma “voz da experiência”, Peleu advertiu que o melhor para Menelau seria ter deixado Helena onde estava, afinal, as atitudes do governante espartano foram infelizes para muitos que perderam os filhos, os pais e/ou os maridos. Esta premissa foi empregada de maneira relativamente semelhante por Heródoto (*Histórias*, I, 3-4) ao destacar que os homens da Ásia não se preocupavam com o rapto de mulheres, enquanto que os helenos destruíram o poder de Príamo por conta da lacedemônia Helena.

Nesta lógica, Peleu destacou a sua desventura por perder o melhor dos aqueus, Aquiles, enquanto Menelau, além de regressar sem qualquer tipo de ferimento, obteve a glória pela vitória sobre os troianos⁸ (Eur. *Andrômaca*, vv. 603-619). O argumento do ancião é importante aos nossos objetivos ao representar as possíveis críticas que parte da sociedade de Atenas detinha sobre Esparta. De imediato, ressaltamos que Eurípides estivesse denunciando os espartanos como os culpados pela guerra do Peloponeso, através da intertextualidade com a guerra de Tróia. O tragediógrafo parece salientar que Esparta não teria motivos para fazer guerra contra Atenas – tal como Menelau não tivera motivos para enfrentar os troianos – tornando as suas atitudes condenáveis pelos demais helenos.

Entretanto, os indícios de Tucídides (I, 68-71) ressaltaram que, a princípio, Esparta não pretendia declarar guerra a Atenas. No entanto, Esparta detinha a hegemonia na “Confederação do Peloponeso” e era sua a obrigação de combater os inimigos dos demais membros desta aliança. Com isso, Corinto se valeu da prerrogativa de integrante desta confederação para combater Atenas, vista pelos coríntios como uma ameaça às suas atividades comerciais marítimas. Em seguida, verificamos que Eurípides (*Andrômaca*, vv. 693-705) tenta desqualificar a autoridade político-militar espartana junto aos peloponésios, pois, assim como Menelau, quem combatia a favor de Esparta

⁸ A personagem Andrômaca destacou que Menelau obteve fama e fortuna na Hélade de forma injusta, e destaca que os feitos de Heitor, quando vivo, fizeram com que o *basileus* espartano fosse visto como um marinheiro covarde ao invés de um guerreiro em terra firme (Eur. *Andrômaca*, vv. 455-458). Tal assertiva enfatiza a proeminência das habilidades de Heitor pretendendo desqualificar a figura de Menelau e a sua fama indevida.

eram os seus aliados, enquanto os comandantes lacedemônios angariavam a glória pelos feitos militares de outros.

Não obstante, Eurípides “concede” a Menelau o “direito” de se defender das acusações de Peleu sobre o comportamento de Helena. Com isso, o governante lacedemônio utilizou um discurso que o tragediógrafo retomará na obra “Helena” para destacar que as atitudes da filha de Leda foram condicionadas pelos deuses. Em seguida, Menelau expôs que a guerra de Troia foi um benefício pelo valor que atribuiu aos helenos e por ter-lhes fornecido experiência para situações futuras (Eur. *Andrômaca*, vv. 680-684). Portanto, o discurso de Menelau tenta situar a posição de Helena como uma vítima das circunstâncias divinas, fazendo com que o *basileus* de Esparta mantivesse a crença na inocência de sua esposa por meio do uso da tradição mítica. Tal perspectiva seria, também, uma crítica à valorização excessiva do sagrado pelos espartanos, em detrimento de pensamentos mais racionais, típicos da sociedade ateniense do século V a.C.

Não só tendo em vista as contínuas acusações de Peleu aos comportamentos espartanos, mas também à conduta de Menelau, Helena e Hermíone, o rei de Esparta decidiu retornar a sua pólis para continuar com os seus afazeres (Eur. *Andrômaca*, vv. 729-737). Neste momento, a capacidade discursiva de Menelau foi superada pelos argumentos “justos” do ancião Peleu. Então, Menelau retorna a Esparta, deixando de lado os interesses de sua filha ao ser derrotado por Peleu neste embate discursivo. O *basileus* lacedemônio estaria sendo representado como um traidor que, embora tenha dado a sua palavra em benefício da filha, retira-se quando as circunstâncias não se mostram favoráveis aos seus próprios interesses.

Esta representação de Menelau caracterizou a postura militar de Esparta durante a guerra do Peloponeso, a qual seria capaz de abandonar os seus aliados sempre que alguma coisa arriscasse as suas vantagens político-militares. Imersa nessa ótica, Ellen Millender (2009, p. 362) complementa esta assertiva ao afirmar que, em “*Andrômaca*”, a casa real espartana foi representada como a inversão dos valores helenos, tornando Esparta uma típica sociedade “bárbara”. Para todos os efeitos, Eurípides estaria mobilizando o teatro como um mecanismo de propaganda destinado a elogiar os feitos de

Atenas na guerra do Peloponeso, o qual fora idealizado para legitimar as práticas atenienses diante de sua audiência.

Passada esta conjuntura, Eurípides (*Andrômaca*, vv. 805-865) retoma a figura de Hermíone que, ao se ver abandonada pelo pai, modifica as suas atitudes para se representar como uma vítima das circunstâncias. Todavia, o poeta trágico ateniense traz à tona o desregramento sexual de Hermíone que, tal como a sua mãe, abandonou o seu matrimônio legítimo com a chegada de Orestes e o almejo de um benefício pessoal⁹.

Ellen Millender (2009, p. 360-361) defende que o discurso de Eurípides estaria retratando a mulher espartana como descomedida em suas atitudes, sendo esta uma grave acusação. Tal imagem foi complementada pela maneira como Hermíone manipulou Menelau e Orestes, destacando a inabilidade dos esparciatas¹⁰ de moderarem a conduta de suas mulheres. Ampliando as considerações de Millender, inferimos que a crítica engendrada por Eurípides teria censurado a constituição e os valores ancestrais espartanos, a julgar pela falta de controle (sexual) das mulheres de Esparta passar de geração em geração – cujo melhor exemplo seria Helena e Hermíone.

Sendo assim, defendemos que Eurípides se utilizou do discurso trágico como uma propaganda destinada a suscitar a identificação de seu público com personagens da tradição. Nesse contexto, o seu discurso garantiu a dinâmica necessária para que a tradição mítica fosse percebida como algo atual e vivificado em uma Atenas Clássica que via parte dos seus valores conspurcados pela emergência de ideias filosóficas ou pelas consequências imediatas das perdas inerentes à guerra do Peloponeso. Com isso, se para os helenos do período clássico a “História era a mestra da vida”, recordar os feitos dramáticos dos heróis forneceria a experiência necessária para se superar os instantes de adversidade e pensar em alternativas cabíveis ao sucesso. Não podemos deixar de reforçar que a guerra do Peloponeso influenciou o discurso e as representações promovidas pelo poeta, uma vez que o lugar social é uma

⁹ O diálogo, bem como os ardis, que Hermíone estabelece com Orestes ocorrem entre os versos 891 e 953.

¹⁰Esparciata foi o termo empregado pelos autores clássicos para se remeterem aos cidadãos de plenos direitos políticos de Esparta.

variável imprescindível e inerente à formação e difusão de uma forma de manifestação discursiva.

Quanto às imagens de Esparta fomentadas por Eurípides, verificamos que o viés predominante foi: 1) tornar o gênero feminino desta pólis como o desvio ao modelo ideal que se poderia esperar dos helenos; 2) problematizar a forma como os espartanos projetavam uma glória com base nos feitos do passado ou por meio dos feitos de outros sujeitos; e 3) enfatizar o fato de Esparta ter sido a culpada pelos embates engendrados na Hélade.

Em relação às mulheres espartanas, essas foram representadas como descomedidas através da conduta de Helena e Hermíone que, devido ao ímpeto sexual, abandonaram ou compartilharam o leito nupcial conforme as suas necessidades. Esta representação enfatizou que os excessos destas mulheres estavam vinculados à incapacidade de seus homens em controlá-las, em conformidade à constituição poliade. Em certa medida, a representação do gênero feminino espartano foi complementar, oposta e proporcional a dos homens de Esparta. Isso porque em uma sociedade em que o gênero masculino era perverso, não poderia esperar que o feminino se constituísse de outra maneira.

Essa representação produziu uma concepção, difundida pelo discurso de Eurípides, que segundo disse, Esparta foi a principal culpada pelos conflitos helênicos. Nesse contexto, a injustiça dos esparciatas, dos seus *basileis* e de suas respectivas mulheres seria o resultado de toda uma tradição pautada em injustiças, ameaças e atitudes enganosas que, mescladas a toda uma formação extenuante, levava os sujeitos aos limites de sua compleição física e mental. Em suma, todas as representações de Eurípides pretendiam censurar os costumes de Esparta para que Atenas fosse elogiada no contexto da guerra do Peloponeso. Deste modo, percebemos que a construção de Hermíone na obra “*Andrômaca*” foi um mecanismo de poder fundamental para que a audiência de Eurípides identificasse a perniciosidade de Esparta em todas as instâncias de sua sociedade. Considerando que a tradição literária ateniense foi significativamente difundida já no mundo antigo, esse tipo de representação acabou se tornando um aparente lugar comum entre os críticos da *diáita* espartana.

Desta forma, concluímos que a documentação de Eurípides é um objeto imprescindível para se perceber a dinâmica ateniense durante a guerra do Peloponeso e as relações elencadas por esta pólis para com outras sociedades do Mediterrâneo. Entretanto, o discurso e as representações elaboradas por Eurípides necessitam de uma intensa reflexão crítica que, em concomitância a um arcabouço teórico-metodológico, permita perceber os indícios históricos que não se encontram evidentes na superficialidade da obra deste autor, bem como sua a intencionalidade.

REFERÊNCIAS

Documentação Literária

ARISTÓTELES. *Poética*. Ed. Bilingue. Trad.: Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

ARISTOTLE. *Politics*. Trans.: H. Rackman. London: William Heinemann Ltd., 1944.

EURIPIDES. *Electra, Orestes, Iphigeneia in Taurica, Andromache, Cyclops*. Trans.: Arthur Way. London: William Heinemann Ltd., 1929.

EURÍPIDES. *Tragedias*. Vol. I. Trad.: Alberto Medina González; Juan Antonio López Férez. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

HERODOTUS. *The History of Herodotus*. Vol. I. Trans.: G.C. Macaulay. London: Macmillan, 1890.

THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. Vol. I. Trans.: Charles Forster Smith. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1956.

Referências Bibliográficas

BURIAN, Peter. Myth into *muthos*: the shaping of tragic plot. In: EASTERLING, P.E. (Ed.). *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1997].

CANTARELLA, Raffaele. *La Literatura Griega Clasica*. Trad.: Antonio Camarero. Buenos Aires: Editorial Losada, 1971.

CSAPO, Eric. *Actors and Icons of the Ancient Theatre*. West Sussex: John Wiley & Sons Ltd., 2010.

FIGUEIRA, Thomas. Gynecocracy: how women policed masculine behavior in Archaic and Classical Sparta. In: POWELL, Anton; HODKINSON, Stephen. *Sparta: The Body Politic*. United Kingdom: The Classical Press of Wales, 2010.

FOXHALL, Lin. *Studying Gender in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HODKINSON, Stephen; MACGREGOR MORRIS, Ian (Ed.). *Sparta in Modern Thought*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012.

KITTO, Humphrey Davy Findley. *Greek Tragedy – A Literary Study*. New York: Routledge, 1961.

KOVACS, David. Euripides. In: BRIGGS, Ward (Ed.). *Ancient Greek Authors*. Detroit: Gale Research, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3ª Ed. Campinas: Pontes Editores; Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa; Maria Emília Amarante Torres Lima. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. Intertextualidade. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Representação social. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014.

MEADE, Teresa; WIESNER-HANKS, Merry. Introduction. In: *A Companion to Gender History*. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd., 2004.

MILLENDER, Ellen. “The teacher of Hellas”: Athenian democratic ideology and the “barbarization” of Sparta in Fifth-century Greek thought. Dissertation presented to the Faculties of the University of Pennsylvania in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy, 1996.

_____. Athenian Ideology and the empowered Spartan woman. In: HODKINSON, Stephen; POWELL, Anton (Ed.). *Sparta – New Perspectives*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2009 [1999].

POOLE, William. Euripides and Sparta. In: POWELL, Anton; HODKINSON, Stephen (Ed.). *The Shadow of Sparta*. London: Routledge, 1994.

RODRIGUES, Nuno Simões. Iphigenia Parthenos – Tipologias do Feminino em Eurípides. In: PENA, Abel Nascimento (Et. Alii.). *Revisitar o Mito*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2015.

ROMILLY, Jacqueline. *A Tragédia Grega*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

SALISBURY, Joyce. *Encyclopedia of women in the Ancient World*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2001.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Trad.: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.